

## **Nossas Horas Felizes, por Vanessa Moraes Pacheco**

“De repente, me senti grata por Jesus ter sido executado como um criminoso. De outra forma, quem teria ousado tentar confortar Yunsu?”

“Nossas horas felizes” é um livro publicado, originalmente, em 2005. Os principais temas abordados pela obra são a desigualdade social e o amor ao próximo. Paralelamente, surgem outros assuntos que continuam vigentes ao momento de representar a situação social, cultural e econômica da Coreia do Sul, como a corrupção, a violência de gênero e a saúde mental.

Para construir sua história, a autora Gong Ji-young intercala duas narrativas. Uma delas revela o ponto de vista de Mun Yujeong, uma infeliz sul-coreana mulher de classe média-alta. Após sua terceira tentativa de suicídio, começa a visitar o Centro Penitenciário de Seul, movida por um acordo com sua tia, uma freira chamada Mônica. A segunda parte dá a conhecer o ponto de vista de Yunsu através do seu diário. Ele é um homem de 27 anos, condenado à pena de morte pela morte de três mulheres e pelo estupro de uma delas.

Embora, Yunsu seja um personagem chave para compreender o livro, a protagonista é a Yujeong. O verdadeiro interesse da autora está em mostrar o processo de crescimento pessoal dessa personagem. Para além do que podemos aprender com a experiência de cada um, o livro aborda, desde uma perspectiva humanitária e religiosa, o esforço diário de cada pessoa para viver e mostra como nesse caminho algumas são mais ou menos infelizes que outras, independentemente de sua condição social. Igualmente reflete sobre a importância do amor na formação do ser humano e da fé na construção de uma existência mais empática e aprazível.

Yunsu é o catalisador do processo de crescimento de Yujeong, a fim de se tornar um ser humano emocionalmente mais estável e aberto para o convívio com o próximo. Além disso, o diário de Yunsu ajuda a compor a verossimilhança da obra; uma vez que é proibido aos visitantes – enquadrados na categoria de religiosos – discutir com os presos seus casos e, por essa razão, precisamos de um acesso à consciência do condenado a fim de descobrir o que realmente aconteceu.

Não obstante, surge uma dúvida. Como é possível acreditar em um criminoso perigoso condenado à pena de morte? A confiança nesse narrador surge à medida que a própria Yujeong começa a confiar nas palavras de seu interlocutor e, visita após visita, vai acreditando no que ele relatava, de forma fragmentada, sobre a sua vida pregressa. Ao mesmo tempo, Yunjeong questiona os limites da “verdade” exposta pela mídia, abrindo espaço para que outra versão possa vir à tona. O tom emotivo do diário e a tragédia nele retratada também cumprem essa função. Isso porque apelam para a própria humanidade do leitor, quem se sente convocado a se compadecer das dores sofridas pelo personagem e se torna capaz de se colocar no lugar do outro. Em alguma medida, todos poderíamos ser Yunsu e, se fôssemos, gostaríamos de ter nossa voz escutada.

Apesar de Yunjeong ser considerada emocionalmente instável por todos à sua volta e ela mesma aceitar essa caracterização, a sua voz narrativa nunca é questionada. Sabemos que, aos 15 anos de idade, foi estuprada por um primo mais velho e, depois de confidenciar o evento à mãe, essa se recusou a aceitar o ocorrido. O silenciamento desse episódio causa grande dor à filha. A ferida psicológica causada por ambos acontecimentos se reflete na incapacidade de Yunjeong de se relacionar de forma verdadeira com os demais. Sua situação começa a se modificar quando ela conhece Yunsu.

É muito difícil ler “Nossas horas felizes” sem pensar que Yunjeong é uma representante da classe média-alta de qualquer país emergente. Ela faz parte de uma família exteriormente funcional, mas que esconde segredos e problemas afetivos. Apesar de ter tido boas oportunidades, sua vida é vazia, porque a dinâmica familiar – e, em particular, entre mãe-e-filha – lhe roubou a sua capacidade de amar ao próximo. Por isso, no início do livro, vemos sua atitude mimada e desdenhosa; ela julga todos com desprezo e arrogância. Também acredita que a sua mãe havia escolhido acobertar o crime doméstico para manter as aparências e o status social da família. Em nome da mesma causa, o caso de corrupção cometido pelo pai varrido para debaixo do tapete.

Em resposta a tais eventos, ela se recusava a fazer parte de uma boa família de classe média-alta, ao sustentar um comportamento questionável aos olhos da sociedade machista e tradicionalista. Assim, ela estava não só excluída da sociedade como também da vida familiar.

Yujeong afirma odiar os clichês e, ela repete essa convicção quase como um mantra especialmente nos primeiros dois terços do livro. O anterior não deixa de ser irônico, porque sua história não tem nada de excepcional. Ela poderia ser qualquer mulher na Coreia moderna.

Em comparação, Yunsu nasceu em uma família totalmente disfuncional. O pai era alcoólatra, a mãe abandonou os filhos e, em decorrência de uma doença, seu irmão caçula ficou cego. Ainda muito jovem, após o suicídio paterno, ele teve que cuidar do irmão e garantir a sobrevivência de ambos. Num mundo sem nenhuma empatia e cheio de dificuldades, Yunsu se rebelou contra a sociedade por meio da violência. Sua trajetória de vida também não é original. Essa é a uma história muito comum à vários casos de jovens presos em diversos países do mundo. “Faroeste Caboclo”, uma música bastante popular, no final dos anos 1980 no Brasil, relata uma história parecida.

Ao conhecer Yunsu, Yugjeong chega à conclusão de que ambos são iguais porque odeiam a riqueza. Ela o faz porque a riqueza gera a hipocrisia e os clichês. Pessoas más que fingem ser boas e pessoas frágeis que usam o dinheiro para disfarçar suas angustias. Ele o faz porque a riqueza e poder são as fontes da injustiça que destruíram a sua vida, antes mesmo de que ela pudesse começar verdadeiramente. Por motivos diferentes ambos sofrem e isso os conecta de uma forma que mudará para sempre Yugjeong.

A fisionomia de Yunsu, segundo ela relata, é de uma pessoa completamente comum, semelhante à de um professor, por seu ar intelectual. Ela reflete que ele poderia ser alguém que ela conhece ou alguém com quem ela cruzou na rua algum dia. Em outras palavras, para além das semelhanças psicológicas, ambos são jovens-adultos com idades parecidas e que possuem muitas coisas em comum. Por isso, em vários momentos, ela pondera: “no fim das contas, não somos todos pecadores?”.

O tema da religião aparece como outro ponto fundamental de “Nossas horas felizes”. É por meio do amor ao próximo, nesse caso Yunsu, que a protagonista irá se recuperar da depressão, fazer as pazes com as cicatrizes do seu passado e seguir em frente. Tudo isso graças à sua convivência com Yunsu, quem lhe mostrará o que significa o amor de Deus.

A irmã Monica diz para o prisioneiro que “não importa quais sejam os seus pecados, eles não são tudo o que você é”. Isso quer dizer que ele precisava olhar para além dos erros cometidos e Yunsu o faz. Apesar de estar no corredor da morte, ele ajuda as crianças de uma escola pobre do interior, decide doar suas córneas e se desculpa sinceramente com a mãe de uma de suas vítimas. Suas boas ações provam que ele poderia ter sido mais do que uma pessoa violenta. Por outro lado, sua capacidade intelectual, demonstrada por um refinado gosto literário e boa capacidade de expressão, revelam que não ser pela pobreza em que viveu desde o nascimento, ele poderia ter de fato sido “alguém como Yujeong”.

A capacidade de Yunsu de assumir a responsabilidade pelos próprios atos é o que faz particular e atrai a atenção da protagonista. Apesar da sua trágica história de vida, ele reconhece os erros e se arrepende. Ao longo da obra, vemos que suas ações são capazes de reestabelecer a humanidade e vontade de viver perdidas no momento do crime. Em contrapartida, a incapacidade de responsabilizar por seus atos é o que torna os demais personagens tão desprezíveis, porque nenhum deles – exceto Yujeong – irá percorrer esse caminho de reconhecer os seus erros e buscar a redenção.

Ao observar tais comportamentos, Yujeong está constantemente se perguntando quem é o verdadeiro monstro. É quem, sem receber amor e conhecer nenhuma alegria ou paz, assassinou e estuprou? É aquela pessoa que, apesar de todas as facilidades oferecidas por sua condição social, decide desistir da própria vida? Até que ponto somos capazes de ser bons ou de fazer o mal?

Para contrabalancear essa perspectiva, o irmão da protagonista prefere acreditar que os assassinos e outros criminosos de alta periculosidade nascem como são e, ao ser assim, são como animais. Adicionalmente, aparece o caso de uma criança de 11 anos que matou a irmã. Considerando o anterior, não podemos nascer bons, mas nos tornar maus? Nos tornamos maus quando cometemos os crimes? Ao contrário, nos tornamos animais quando nos executam friamente? Aqui, é importante ressaltar que, para a autora, a pena de morte não terminará com a violência; alternativamente, é preciso dar oportunidade para que as pessoas revelem seu melhor lado, amando-as e educando-as ou reabilitando-as. Em todo caso, o amor é indispensável para criar laços afetivos saudáveis e duradouros.

A empatia estabelecida pela personagem com as pessoas ao longo da obra surge de um fator comum: a falta de amor (em particular, o maternal). A fim de se colocar no lugar do outro, em alguns momentos, surgem certos exageros retóricos. Apesar disso, ao conhecer melhor

Yunsu, ela chega à conclusão de que o verdadeiro “amor significa se interessar pela vida das outras pessoas” e, por tanto, não saber sobre os sofrimentos alheios é o mesmo que não os amar. Isso acontece porque as pessoas só podem conhecer os outros quando se interessam por eles e tenta compreendê-los. Ela, de fato, amava Yunsu.

\*\*\*

“Nossas horas felizes” está construída narrativamente em torno da contraposição entre a vida de Yunsu e a história recente da Coreia do Sul. Em meados da década de 1990, a protagonista reconhece que “Coreia havia mudado. Parecia glamorosa, rica e cheia de gente”, porém as pessoas pareçam mais grosseiras e apressadas. Nesse sentido, Seul y Yunsu são fragmentos de uma única realidade e existem como faces da desigualdade social.

A obra aborda o tema da violência urbana como um enfrentamento entre ricos e pobres. Sem embargo, a autora não é capaz de mostrar uma solução, para além do amor ao próximo e de estender a bandeira da não-violência. A reação de impotência de Yujeong frente à violência juvenil que ocorre em frente à sua janela é a mesma que autora e leitor comparam ao longo do livro. Nesse sentido, a obra dialoga com um público muito específico: pessoas como Mun Yujeong.

A depressão, a violência contra mulher e a corrupção continuam sendo alguns dos assuntos recorrentes da sociedade coreana atual. O termo “Hell Joseon<sup>1</sup>”, surgido na internet e amplamente difundido nos dias atuais, resume a ideia de que a Coreia do Sul, apesar dos avanços econômicos e tecnológicos bem como da abertura comercial ao mundo e o estabelecimento da democracia, continua sendo um país de suma desigualdade social e de mentalidade conservadora, graças a influência forte do Confucionismo. Desde final de 2016, quando a ex-presidente Park Geun-hye, sofreu impeachment e o movimento feminista #metoo

---

<sup>1</sup> Joseon é o período da história coreana compreendido entre 1392 y 1897.

chegou à península, diversas séries coreanas recentes, retratam o tema da corrupção e a influência política dos grandes conglomerados industriais por meio de seu poder econômico. O livro “Born in 1982”, da escritora Kim Ji-young, é um exemplo das críticas ao machismo que recentemente tem ganhado força no país. Igualmente, as altas taxas de suicídio, principalmente entre jovens do sexo masculino, tem chamado atenção para o tema da saúde mental e despertado a preocupação do poder público e da sociedade civil. Por tanto, “Nossas Horas felizes” é um livro atual que merece ser lido.